

O Departamento de Pesquisa do Contemporâneo: Fundação, História e Desdobramentos - Relato de Experiência

Marina Bento Gastaud¹

Camila Piva da Costa Capellari²

Fernanda Driemeier Schmidt³

“É do buscar e não do achar que nasce o que eu não conhecia”.

Clarice Lispector

Em 2008, a criação formal de um Departamento de Pesquisa no Contemporâneo – Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade teve como objetivo operacionalizar pesquisas realizadas no ambulatório com o objetivo de aprimorar o ensino, o próprio ambulatório e a cultura da instituição. Idealizada pelos diretores do Instituto Contemporâneo, Angela Piva e César Bastos, a criação do Departamento de Pesquisa foi colocada em prática pela então professora do Instituto, Marina Gastaud. Na época, a Marina havia finalizado seu Mestrado, uma pesquisa documental retrospectiva envolvendo os prontuários de todas as crianças atendidas na instituição desde a sua fundação. Com este movimento, percebeu-se uma “mina” valiosa de dados arquivados pelo ambulatório ao longo dos anos que, com a devida lapidação, poderia ser útil para a ciência psicanalítica, para o ensino da psicoterapia e para a realização de tratamentos mais baseados em evidência. O Contemporâneo contava na época com outros departamentos (a saber, Departamento Científico, de Transtornos Alimentares e Obesidade, de Fonoaudiologia e de Psicopedagogia) e, após o convite para a criação do Departamento de Pesquisa, a instituição toda precisou criar uma força-tarefa para tornar possível que esta proposta fosse colocada em prática. Hoje o Departamento de Pesquisa comemora seus 10 anos, o que já é um marco do seu sucesso. Mas, até chegar aqui, inúmeros obstáculos tiveram que ser superados. O Departamento passou pela liderança da Marina Gastaud, depois da professora Camila Piva da Costa e hoje em dia está aos cuidados da professora Fernanda Driemeier Schmidt – e admitimos nosso esforço e paixão por esta empreitada, orgulhosas, ao ver quão longe chegamos.

¹ Psicóloga clínica, Doutora, professora de Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade

² Psicóloga clínica, Doutora, professora de Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade

³ Psicóloga clínica, Mestre em Psicologia Clínica, professora do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade

Mas, para entendermos os méritos, vamos começar este texto falando sobre as dificuldades de se pesquisar em psicoterapia psicanalítica e psicanálise.

As vicissitudes de pesquisar em Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

A metodologia empregada para dar suporte à pesquisa em psicoterapia psicanalítica muito evoluiu nas últimas décadas. A primeira geração (de 1917 aos anos 1960) caracterizou-se pela simples contagem estatística dos resultados dos tratamentos, de acordo com as patologias e com outras características específicas dos pacientes; a segunda geração (de 1950 até os anos 1980) empregou medidas específicas de melhora e utilizou escalas para avaliação antes e depois do tratamento, objetivando prever resultados das intervenções; a terceira geração, contemporânea à segunda, pesquisou, além dos resultados (quantos melhoram?), o processo terapêutico (como melhoram? Por que melhoram?) e incluiu na sua metodologia o seguimento dos pacientes na fase de pós-tratamento; a quarta geração (de 1980 ao presente) envolve maior complexidade nas medidas de resultado e na avaliação da estrutura psicológica, na tentativa de associar mudanças estruturais ao processo terapêutico (Wallerstein, 2007). Entretanto, outras dificuldades são encontradas por aqueles que a esta atividade se dedicam.

Até 2008, o Contemporâneo já havia sido palco de algumas pesquisas documentais, mas seu ambulatório nunca havia sido estruturado especificamente para dar suporte à realização de pesquisas prospectivas, algo que fosse além da primeira geração dos estudos em psicanálise. Este desenho retrospectivo foi útil para responder nossas questões de pesquisas anteriores (por exemplo, Gastaud, Nunes, 2009; Gastaud, Merg, 2009; Gastaud, Merg, Kruse, Nunes, 2009; Gastaud, Basso, Soares, Eizirik, Nunes, 2011; Deakin, Gastaud, Nunes, 2012; Alves, Machado, Nunes, Gastaud, 2013, Gastaud, Feil, Merg, Nunes, 2014 – os anos são referentes à publicação, não à data em que os estudos foram realizados), mas não era suficiente para sustentar estudos prospectivos mais ambiciosos. A criação do Departamento de Pesquisa teve, neste primeiro momento, o objetivo de possibilitar que a estrutura do ambulatório desse suporte a estudos mais robustos. Para isto, era necessário padronizar os prontuários, incluir medidas pré-tratamento, garantir que os dados preenchidos pelos terapeutas ao longo dos tratamentos estivessem claros para todos os envolvidos, treinar as secretárias para que passassem as informações de forma uniforme aos pacientes. Era necessário também desenvolver uma estrutura de acesso aos dados dos pacientes, de quantificação de algumas variáveis e de devolução deste material aos terapeutas e pacientes.

Dificuldades iniciais – operacionalização, mudança de cultura e ambivalências

Em um primeiro momento, a criação de um departamento de pesquisa, por onde passariam os dados de todos os atendimentos, fomentou uma atmosfera de desconfiança e rechaço nos terapeutas, a qual foi cuidadosamente transformada a partir de palestras sobre pesquisa em psicoterapia, da inclusão da disciplina de Metodologia Científica no programa de ensino e do permanente cuidado ético da equipe de pesquisa. A disponibilidade constante da equipe de pesquisa e sua persistência em difundir a importância da investigação empírica para os psicoterapeutas psicanalíticos foram fundamentais para mudar a cultura do local. Os pacientes pareciam se sentir cuidados com a introdução dos questionários nas triagens do ambulatório e eles próprios foram aliados imprescindíveis para este movimento institucional.

Além do trabalho institucional, a equipe de pesquisa tinha de lidar constantemente com suas próprias ambivalências. Há, em alguma medida, uma sensação de futilidade que acompanha o pesquisador quantitativo que também se dedica à clínica psicanalítica (Jiménez, 2007), uma inquietação levantada por André Green ao afirmar que nenhuma pesquisa empírica jamais ajudou nenhum terapeuta a ajudar nenhum paciente. As ambivalências sempre foram bem-vindas na nossa equipe de pesquisa e até hoje debatemos o tema da cientificidade psicanalítica (se é mesmo necessária, se é alcançada através de métodos quantitativos, se deve seguir os protocolos de pesquisa da área da saúde, se possui outra epistemologia, etc), cada vez com mais maturidade e com menos certezas. Ótimo! Fica documentado aqui o nosso desejo de que este clima questionador e controverso assim permaneça. “A incerteza é muito mais elegante do que a busca pela verdade” (Gabbard, 1997, p.29).

Por todas estas questões, inicialmente optamos por não adotar uma postura demasiadamente intervencionista com os pacientes, respeitando a alegação dos terapeutas de que o contato com a equipe de pesquisa interferiria na transferência estabelecida pelo paciente. Assim, a perda amostral ao longo das primeiras investigações acabou sendo maior do que o esperado e fragilizou os dados obtidos nas primeiras pesquisas prospectivas realizadas.

Um dos primeiros estudos prospectivos realizados foi o Doutorado da Marina – uma coorte que acompanhou por 6 e 12 meses de tratamento 638 pacientes que buscaram atendimento no Contemporâneo, com o objetivo de verificar quais pacientes melhoraram neste primeiro ano de tratamento quanto à sua qualidade de vida, à sua sintomatologia e ao seu estilo defensivo. Há limitações metodológicas inerentes a estes estudos de seguimento, em que se comparam as medidas iniciais dos pacientes com suas medidas posteriores. Embora a estatística nos ajude a estimar o efeito que o acaso pode exercer nas diferenças de medidas antes e depois de meses de tratamento,

fica a ressalva: até que ponto pode-se controlar o efeito que a vida exerce sobre os pacientes, independentemente da psicoterapia? Uma paciente deste estudo gentilmente nos forneceu pistas para este entendimento, ao anexar à sua segunda avaliação o seguinte bilhete:

“OBS: Gostaria de esclarecer que há mais ou menos um mês descobri que sou portadora de hepatite C crônica adquirida há 34 anos por ocasião de uma transfusão de sangue. Pelo fato de ter um bom conhecimento sobre o assunto e estar dependendo do SUS para fazer o tratamento, tenho uma certeza de morte que com certeza influenciou as respostas desta avaliação. Atenciosamente, L.A.R.”.

Se a vida poderia interferir negativamente entre duas medidas dos pacientes, independentemente do bom trabalho psicoterapêutico, o oposto também pode ser possível. Ou seja, uma frustração deste tipo de pesquisa é a de não poder atribuir com segurança à psicoterapia psicanalítica os resultados terapêuticos obtidos. A partir daí, também abrimos espaço para estudos qualitativos, para que “bilhetes” interessantes como este também pudessem ser objeto de estudo e para que os pacientes também pudessem ser diretamente ouvidos.

Evolução da complexidade dos estudos

É evidente que estas investigações iniciais tem claras limitações. Entretanto, a batalha para que elas sequer pudessem ser levadas a cabo foi vencida com tanta dificuldade que sentimos imenso orgulho do movimento que iniciamos na instituição, hoje contando com diversos adeptos. Parece ser este o destino do pesquisador em psicoterapia: quando se chega ao final da jornada, já se aprendeu tanto com os percalços enfrentados ao longo do caminho que, se tivesse a oportunidade de iniciar novamente, a pesquisa seria outra. Hoje em dia, o ambulatório conta com uma sistemática organizada de pesquisa e uma cultura de apoio à investigação quantitativa por parte de terapeutas e pacientes que facilita sua realização. As pesquisas que iniciam hoje podem se dar ao luxo de contar com uma metodologia mais avançada e uma equipe já treinada para contornar as limitações. Como diz Nietzsche (1886/2005):

“-Péssimo! Sempre a velha história! Ao terminar a construção da casa, notamos que, sem nos dar conta, aprendemos, ao construí-la, algo que simplesmente tínhamos de saber antes de começar a construir. O eterno aborrecido “Tarde demais!”. – A melancolia de tudo terminado!...” (pág. 171).

Para nós, fica a sensação não de melancolia, mas de orgulho com o aprendizado que a construção desta casa possibilitou. Este aprendizado, longe de ser um “Tarde demais”, nos levou em frente para o desenvolvimento de outros estudos.

Desdobramentos e conquistas do Departamento de Pesquisa

A partir do crescimento do departamento e da complexidade dos estudos foi possível que novos desafios fossem lançados. Mesmo com a conquista de maior colaboração e entendimento dos terapeutas sobre a importância da pesquisa, uma maior aproximação com os clínicos ainda se fazia necessária. A ideia era propiciar aos terapeutas uma compreensão da aplicabilidade clínica advinda das investigações, como outra rica ferramenta para ajudá-los em sua prática.

Em meio a essa aproximação, nos deparamos com inúmeros impasses tanto no sentido de aproximar clínicos e pesquisadores como para dar conta de coletas mais complexas (medidas repetidas de longo prazo, dados de processo e resultado), para as quais não encontrávamos diretrizes teóricas consistentes que pudessem dar conta. Frente a esses novos desafios, a tese de doutorado da Camila propôs estudar esses aspectos de dificuldade metodológica para se realizar estudos no ambiente natural das psicoterapias.

Alguns deles foram, a perda amostral dos pacientes, tanto por abandono ou por não aceitar participar das pesquisas, verificar o tempo ideal para medir fatores de processo e resultado, estudar o que acontece com os pacientes após encerrarem o tratamento e também mensurar aspectos subjetivos da interação entre a dupla paciente-terapeuta.

Além disso, vivenciando a realidade das instituições de formação em psicoterapia psicanalítica constata-se a falta de treinamento oferecida aos terapeutas para desenvolver aspectos técnicos importantes como: aliança terapêutica, avaliação de progresso, aderência e alta. Nesse sentido os resultados advindos de pesquisas atuais poderiam fornecer aos terapeutas essas lacunas em sua formação e também abrir espaço para pensar uma psicanálise mais contemporânea.

Através desses achados foram implementadas estratégias que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa no campo naturalístico e o treinamento dos psicoterapeutas, a fim de alcançar maior consistência técnica, diminuindo as taxas de abandono e propiciando maior progresso terapêutico. Embora existam obstáculos importantes no campo da pesquisa e da clínica, outra conquista do departamento foi inserir no programa de formação em psicoterapia da instituição uma nova disciplina que aborda temas atuais da psicanálise, utilizando os resultados das pesquisas como ferramenta de discussão e treinamento dos terapeutas.

A partir dos conhecimentos adquiridos e do desejo de seguir a pesquisa e a compreensão aprofundada dos aspectos que estão relacionados aos resultados da psicoterapia, a melhora dos pacientes, a permanência destes, ou não, em tratamento com pacientes adultos, o doutorado da Fernanda Schmidt propôs-se então a colocar o foco na psicoterapia de crianças e adolescentes. A

proposta foi avaliar o apego e a função reflexiva de todas as crianças de 9 a 17 anos que chegaram para atendimento no ano de 2018 e relacionar esses dados com o desfecho e os resultados dos tratamentos. Foi uma coleta que foi muito bem aceita pelos triadores, terapeutas e pacientes podendo ser considerada de sucesso!

A Fernanda está em fase de análise dos dados, mas é possível adiantar que foi encontrado um elevado número de pacientes que apresentam apego do tipo inseguro. A maioria dos pacientes também parece ter uma baixa capacidade para refletir sobre seus sentimentos, emoções e comportamentos, bem como compreender afetivamente e cognitivamente os estados mentais e emocionais dos outros que os cercam.

Então nos questionamos: Os terapeutas estão treinados para identificar os estilos de apego dos pacientes? Diferentes estilos de apego então requerem diferentes técnicas de tratamento? Como ajudar os pacientes a desenvolverem a função reflexiva e a capacidade de mentalização? Qual (is) a (s) teoria (s) psicanalítica (s) que dá (dão) suporte para as necessidades dos nossos pacientes?

Logo nos damos conta de que estamos em consonância com o que está sendo pesquisado internacionalmente na área de psicoterapia. O que funciona e para quem? Quais são os fatores que contribuem para a melhora e para a mudança terapêutica? (Fonagy, Cottrell, Phillips, Bevington, Glaser, Allison, 2014).

Ainda no segundo semestre de 2018 e início de 2019, o grupo de pesquisa, a partir de experiência clínica, demonstrou o desejo de estudar as possíveis associações entre trauma na infância, padrão de apego e aliança terapêutica em pacientes adultos. Foram coletadas essas informações com 180 pacientes que buscaram psicoterapia no ambulatório da Instituição. Primeiramente o grupo escreveu um artigo sobre traumas na infância e a percepção de vínculo de apego com os pais. Agora estamos trabalhando em um artigo com o foco na aliança terapêutica.

De forma muito resumida, o que foi encontrado é que vínculo precoce de apego seguro com ambos os pais auxilia na elaboração de vivências traumáticas na infância. Os resultados apontaram que traumas na infância está associado com a percepção de alto controle e baixo cuidado na relação com os pais. E se pensarmos que esses modelos de representação das relações parentais podem ser revividas na transferência com o terapeuta parece claro que o clínico precisa conhecer e dominar esse assunto.

Assim, quanto mais caminhamos mais interessante e instigante tem se tornado o caminho! Temos um desafio enorme pela frente. Seguir investindo nos estudos com pacientes adultos. Compreender, explorar e aprimorar os tratamentos que oferecemos para as crianças e

adolescentes. E por último, mas não menos importante, na verdade talvez o mais complexo, estudar empiricamente as psicoterapias vinculares.

Além disso o investimento e a necessidade de aproximarmos a clínica da pesquisa ainda segue. Se os pacientes já estão adeptos, assim como triadores e a maioria dos terapeutas, buscaremos também demonstrar a importância da pesquisa para os professores e supervisores. Abrir a discussão sobre a possibilidade de ensino e estudo de pesquisas e tratamentos baseados em evidências e de como que esses achados “conversam” com a teoria clássica da psicanálise, e como essa discussão pode ser relevante. Acreditamos que discussão fomenta hipóteses, perguntas e consequentemente o crescimento de todos.

É muito importante destacar aqui, também, a última e mais nova conquista do departamento de pesquisa. Nesse ano de 2019, teremos um espaço especial na jornada do Contemporâneo “A Ética do Cuidado”. Será realizado o primeiro simpósio de pesquisa. Nesse momento pretende-se discutir sobre o que existe de mais atual em pesquisa em psicoterapia psicanalítica. Estão previstas mesas redondas, apresentações de pôsteres e temas livres. Com certeza é um espaço muito especial que estamos começando a ocupar!!

Considerações finais

Assim, embora os resultados encontrados por si só já justificassem esta caminhada, foi na busca por estes achados e nos 10 anos de construção deste Departamento que o verdadeiro aprendizado se deu, pois fez nascer em nós (coordenadoras), nos funcionários, nos pacientes e nos terapeutas que participaram das pesquisas algo que até então não conhecíamos.

Por isto, registramos aqui nosso agradecimento a todos que contribuíram para esta longa jornada! Aos diretores do Contemporâneo que sempre apoiaram e defenderam a pesquisa e que sempre estiveram na vanguarda dos tratamentos contemporâneos em Psicanálise, aos diversos integrantes que passaram pelo Departamento e que dedicaram horas não remuneradas de trabalho à “causa” da ciência psicanalítica, aos terapeutas que preenchem os prontuários e cooperam para que possamos coletar dados de qualidade, aos funcionários do ambulatório que participam dos treinamentos e apresentam a pesquisa de forma tão competente aos pacientes, e, principalmente, aos pacientes que gentilmente abrem mão de um dos pressupostos mais sagrados da psicoterapia (o sigilo de algumas informações) para que seus dados sejam úteis à criação de novas teorias e beneficiem futuros pacientes... nosso muito, muito OBRIGADA!

Estudos publicados realizados pelo Departamento de Pesquisa do Contemporâneo:

1. Alves, C., Machado, C., Gastaud, M. B., & Nunes, M.L.T. (2013). Niños atendidos por problemas de aprendizaje en la psicoterapia psicoanalítica. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 31, p. 432-442.
2. Contessa, J., & Gastaud, M. B. (2011). Perfil de adolescentes que procuram ajuda especializada em saúde mental. *Contemporânea: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 12, p. 159-173.
3. D'Incao, D.B., & Gastaud, M. B. (2015). Investigando a associação entre sintomas e queixas depressivas com as estações do ano. *Fractal: revista de psicologia*, 27, p. 152-159.
4. Da Costa, C. P., Alves, C. P., & Eizirik, C. L. (2018). Fatores associados a percepção de aliança terapêutica por pacientes em psicoterapia psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 20 (1):19-35.
5. Da Costa, C. P., Bastos, A. G., Padoan, C. S., & Eizirik, C. L. (2017). Estudos clínicos em psicoterapia psicodinâmica: uma revisão do follow-up das intervenções. *Contextos Clínicos*, 10(1), 48-59.
6. Da Costa, C. P., et al. (2019). Qual o tempo apropriado para medir fatores de resultado e processo em psicoterapia psicodinâmica?. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, n. Ahead.
7. Deakin, E., Gastaud, M. B., & Nunes, M.L.T. (2012). Child Psychotherapy Drop Out: an Empirical Research Review. *Journal of Child Psychotherapy*, 38, p. 199-209.
8. Ferreira, C., Costa, C.P., & Gastaud, M. (2017). Perfil de idosos que buscam psicoterapia em ambulatório de saúde mental. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 19 (3): 17-32.
9. Gastaud, M. B., Basso, F., Okabayashi, L. S. M., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2015). Indicação e concordância em iniciar tratamento durante avaliação inicial para psicoterapia psicodinâmica. *Contextos Clínicos*, 8, p. 2-15.
10. Gastaud, M. B., Basso, F., Soares, J. G., Eizirik, C. L., & Nunes, M.L.T. (2011). Preditores de não-aderência à psicoterapia psicanalítica de crianças. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (Impresso)*, 33, p. 109-115.
11. Gastaud, M. B., Da Costa, C., Padoan, C., Berger, D., D'Incao, D. B., Krieger, D., Lacerda, & L., Camozzato, M. A. (2012). Aderência à técnica na psicoterapia psicanalítica: estudo preliminar (carta ao editor). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 61, p. 189-190.
12. Gastaud, M. B., Feil, C. F., Merg, M. G., & Nunes, M.L.T. (2014). Avaliação psicológica como fator protetor à interrupção de tratamento na psicoterapia psicanalítica de crianças: dados empíricos. *Psicologia-Reflexão e Crítica*, 27, p. 498-503.

13. Gastaud, M. B., Merg, M. G., Kruse, L., & Nunes, M.L.T. (2009). Psicoterapia Psicanalítica de Crianças Realizada em Instituição: Dados Empíricos. *Contemporânea: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 8, p. 61-86.
14. Gastaud, M. B., & Merg, M. G. (2009). Diferenças de Sexo e Idade na Psicoterapia de Crianças. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 8, p. 88-96.
15. Gastaud, M. B., & Nunes, M.L.T.(2009). Preditores de Abandono de Tratamento na Psicoterapia Psicanalítica de Crianças. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (Impresso)*, 31, p. 13-23.
16. Gastaud, M. B., Padoan, C., & Eizirik, C. L. (2014). Initial Improvement in Adult Psychodynamic Psychotherapy. *British Journal of Psychotherapy*, 30, p. 243-262.
17. Krieger, D. V. ; Cappellari, C. P. C. ; Padoan, C. S. ; Pessota, C. M. ; Berger, D. ; Gastaud, M. B. ; Pires, T. S. ; Palmini, A. F. ; Eizirik, C. L. . Diagnóstico Psicodinâmico Operacionalizado - 2: Estudo de validade da versão brasileira do OPD-2. In: OPD Task Force. (Org.). Diagnóstico Psicodinâmico Operacionalizado. 1ed.São Paulo: Hogrefe, 2016, v. 1, p. 200-228.
18. Muller, F., & Gastaud, M. B. (2011). Crianças atendidas em um ambulatório transdisciplinar de saúde mental: Levantamento do perfil atual. *Contemporânea: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 12, p. 42-60.
19. Onofrio., I., & Gastaud M. B. (2012). Adultos atendidos em ambulatório de saúde mental. *Contemporânea: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 13, p. 53- 71.
20. Pessota, C.M, Feijó L.P, Costa C.P, Benetti S.P.C. (2018) Características sociodemográficas e clínicas do abandono inicial em psicoterapia psicanalítica. *Ver. Bras. Psicoter*, 20(3): 135-150
21. Pieta, M. A. M., & Gomes, W. B. (2014). Psicoterapia pela Internet: viável ou inviável? *Psicologia: ciência e profissão*, 34(1), 18-31.
22. Pires, T., Alves, C., & Gastaud, M. B.(2012). Perfil de pacientes que buscam atendimento em saúde mental perto das suas datas de aniversários: Curiosidades empíricas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 14, p. 12-17.
23. Pires, T., Berger, D., Fiorini, G. P., & Gastaud, M. B. . Psicoterapia psicanalítica de casais e famílias: perfil de clientela. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 18, p. 40-54, 2016.

24. Recktenvald, K. Mallmann, M.Y., Schmidt, F.M.D., Fiorini, G.P., & Cappellari, C.P.C. (2017). Caracterização da clientela de bebês em uma clínica-escola de psicoterapia psicanalítica. *Rev bras. Psicoter*, 19 (1): 15-30.

Referências Bibliográficas

- Alves, C., Machado, C., Nunes, M.L., & Gastaud, M. (2013). Crianças atendidas por problemas de aprendizagem em psicoterapia psicanalítica. *Avances en Psicología Latinoamericana / Bogotá (Colombia)*, 31(2), 432-442.
- Deakin, E., Gastaud, M., & Nunes, M.L. (2012). Child Psychotherapy Drop Out: an Empirical Research Review. *Journal of Child Psychotherapy*, 38, 199-209.
- Fonagy, P., Cottrell, D., Phillips, J., Bevington, D., Glaser, D., Allison, E. (2014). What Works for Whom? Second Edition: A Critical Review of Treatments for Children and Adolescents. The Guilford Press.
- Gabbard, G. (1997). Uma reconsideração da objetividade do analista. *Livro Anual de Psicanálise*, 13, 23-34.
- Gastaud, M. B., Feil, C. F., Merg, M. G., & Nunes, M.L.T. (2014). Avaliação psicológica como fator protetor à interrupção de tratamento na psicoterapia psicanalítica de crianças: dados empíricos. *Psicologia - Reflexão e Crítica*, 27, 498-503.
- Gastaud, M., Basso, F., Soares, J., Eizirik, C., & Nunes, M.L. (2011). Preditores de não-aderência à psicoterapia psicanalítica de crianças. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 33, 109-115.
- Gastaud, M., & Merg, M. (2009). Diferenças de Sexo e Idade na Psicoterapia de Crianças. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 8, 88-96.
- Gastaud, M., Merg, M., Kruse, L., & Nunes, M.L. (2009). Psicoterapia Psicanalítica de Crianças Realizada em Instituição: Dados Empíricos. *Contemporânea: Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 8, 61-86.
- Gastaud, M., & Nunes, M.L. (2009). Preditores de Abandono de Tratamento na Psicoterapia Psicanalítica de Crianças. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 31, 13-23.
- JIMÉNEZ, J.P. (2007). Can research influence clinical practice? *International Journal of Psychoanalysis*, 88, 661-79.
- LISPECTOR, C. A paixão segundo G.H.. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WALLERSTEIN, R. Pesquisa sobre resultado. In. Person E, Cooper A, Gabbard G (Orgs).

Compêndio de Psicanálise. Porto Alegre: Artmed, 2007.